

## EPIDEMIOLOGIA DA LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA NO ESTADO DE MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIOAMBIENTAIS E DEMOGRÁFICAS (2014-2024)

TIAGO FELIPE BARBOSA MOREIRA<sup>1</sup>; BIANCA CONRAD BOHN<sup>2</sup>;  
ALEXSANDER FERRAZ<sup>2</sup>; RAVENA DOS SANTOS HAGE<sup>2</sup>; FABIO RAPHAEL  
PASCOTTI BRUHN<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– tiagobmoreira.vet@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – biankabohm@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – xanderferraz@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – havennahage@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– fabiopbruhn@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) é uma doença infecto-parasitária não contagiosa, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, que afeta a pele e as mucosas, podendo apresentar um amplo espectro clínico e diversidade epidemiológica (VRIES, REEDIJK e SCHALLIG, 2015). Considerada uma antroponose e um grave problema de Saúde Pública global, a doença é transmitida aos seres humanos e alguns mamíferos por meio da picada de insetos dípteros hematófagos denominados flebotomíneos, vetores do protozoário; cerca de 14 espécies do gênero *Leishmania* manifestam a doença no ser humano, enquanto diversas outras espécies possuem como hospedeiros naturais pequenos roedores, marsupiais, primatas e carnívoros (LOPES *et al.*, 2022; MAGALHÃES e MOURA, 2015). Reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma das Doenças Tropicais Negligenciadas (DTN's), a LTA possui distribuição mundial, sendo endêmica em 90 países com cerca de 272.000 novos registros no ano de 2023, e no Brasil é autóctone em todo território nacional (OPAS, 2024).

Embora a Região Sudeste ocupe a quarta posição em número de casos de LTA no cenário nacional; Minas Gerais se sobressai notavelmente, registrando tanto o maior coeficiente de detecção quanto o maior volume de casos na própria Região Sudeste (SANTOS *et al.*, 2021; LOPES *et al.*, 2022). Historicamente, Minas Gerais já representou 5,94% dos registros nacionais entre 1995 e 2014, totalizando 30.618 casos (LOPES *et al.*, 2022; BRASIL, 2017), e foi o 6º estado com mais casos confirmados no país no período de 2007 a 2013, com 9.710 ocorrências (MAGALHÃES & MOURA, 2015).

Diante dessa relevância epidemiológica, torna-se essencial o estabelecimento de um panorama atualizado da doença no estado, o qual permitirá planejar e fundamentar projetos voltados à prevenção, manejo e tratamento eficazes desse importante agravo de saúde pública (LOPES *et al.*, 2022; BRASIL, 2017). Com base nesse contexto, o presente estudo objetiva analisar o perfil epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana em Minas Gerais em um período de 11 anos, de 2014 a 2024.

## 2. METODOLOGIA

Realizou-se um estudo ecológico retrospectivo acerca da Leishmaniose Tegumentar Americana no estado de Minas Gerais, abrangendo o período de 2014 a 2024. Para isso, foram utilizados dados de casos registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), acessados através da base de dados do TabNet, disponível no Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis analisadas incluíram sexo, raça/cor, faixa etária e escolaridade. A tabulação e análise dos dados foi realizada com o auxílio do software Microsoft Excel.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2014 e 2024, o estado de Minas Gerais notificou um total de 16.376 casos de Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA). A análise do comportamento anual da doença revela uma dinâmica de ascensão e declínio, com os casos apresentando um aumento contínuo a partir de 2017 e alcançando seu ápice em 2020, com 2.121 notificações. Posteriormente, houve uma redução expressiva no número de casos, que caiu progressivamente até o ano de 2024, registrando o menor valor de toda a série histórica, com apenas 768 casos (Figura 1).

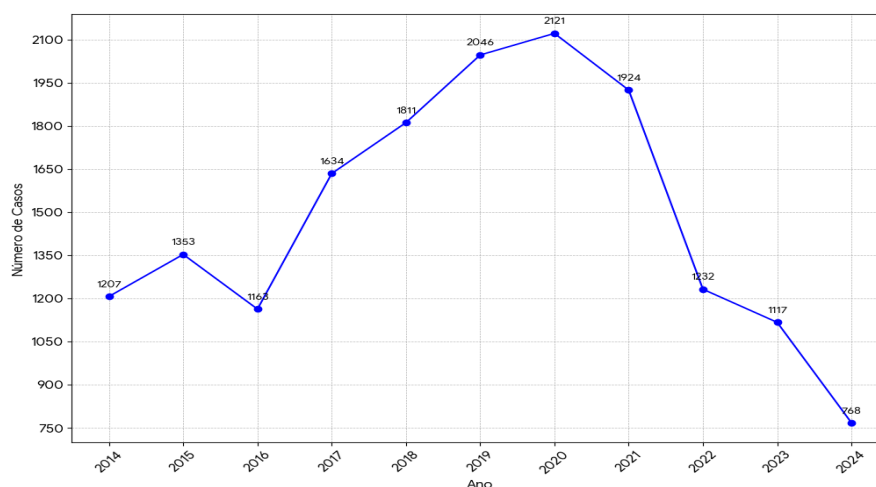


Figura 1: Série histórica do total de casos notificados entre 2014 e 2024.

Ao analisar a distribuição por sexo, a população masculina foi consistentemente a mais registrada. Do total de casos avaliados no período, 62,27% (n=10.194) ocorreram em homens, enquanto 37,73% (n= 6.177) foram em mulheres. Essa predominância masculina, se mostrou presente em todos os anos analisados. A análise por raça/cor mostrou que a maioria dos casos se concentraram à população parda, que representou 54,81% (n=8.975) das notificações. Em seguida, a categoria branca foi a segunda mais prevalente, com 28,28% (n=4.631). As demais categorias (preta (8,79%, n=1.440), indígena (1,64%, n=269) e amarela (0,69%, n=113)) somaram uma menor proporção dos casos. É importante notar, no entanto, que 5,79% (n=948) dos registros foram classificados como "Ignorados / em branco".

A faixa etária de 40 a 59 anos foi a mais atingida, com um pico de 712 (33%) casos em 2019, seguida pela de 20 a 39 anos (27%), que teve seu auge com 549 casos em 2020. Juntas, essas faixas representaram a maioria das notificações, sugerindo uma possível relação com atividades laborais. Após um pico geral entre 2019 e 2021, os casos caíram expressivamente, com poucos dados ignorados, o que confere solidez à análise.

Em relação à escolaridade, a categoria "Ignorado/Em Branco" desponta como a mais prevalente, com 23,65% (n=3.872) do total, o que não apenas aponta para uma fragilidade significativa no preenchimento dos dados no momento da notificação no SINAN, mas também pode ocultar uma sub-representação ainda maior das populações mais vulneráveis. Adicionalmente, a concentração de casos com menor escolaridade, como Ensino Fundamental completo 16,68% (n=2.730) e 1ª a 4ª série completa do Ensino Fundamental (16,05%, n=2.628), corrobora a hipótese de que indivíduos com menor nível de instrução estão expostos a um risco acrescido. Essa vulnerabilidade pode ser atribuída a uma confluência de fatores, incluindo piores condições de moradia e trabalho, menor acesso à informação sobre prevenção, e maiores barreiras para acessar os serviços de saúde de forma oportuna.

A análise temporal das notificações de Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) em Minas Gerais, entre 2014 e 2024, demonstra uma dinâmica complexa e não linear, semelhante às tendências observadas em outras regiões do Brasil (DIAS *et al.*, 2023). Um estudo sobre a macrorregião do Triângulo Sul de Minas Gerais, por exemplo, registrou 88 casos de LTA entre 2010 e 2020, o que corrobora a natureza endêmica da doença no estado (GONÇALVES, CARDOSO E OLIVEIRA, 2023). Além disso, a literatura aponta para um aumento progressivo de notificações em diversas regiões do Brasil, a partir da década de 1980, com picos de transmissão ocorrendo a cada cinco anos, o que se alinha com as flutuações observadas no período analisado; A LTA é considerada uma doença com grande impacto socioeconômico e ocupacional, e sua expansão em áreas rurais praticamente desmatadas e em regiões periurbanas é uma tendência já documentada, o que pode influenciar a dinâmica de notificações (DIAS *et al.*, 2023; ARAÚJO *et al.*, 2020; LOPES *et al.*, 2022).

A predominância de casos no sexo masculino, é um achado consistente com outros estudos em Minas Gerais e no Brasil, onde a incidência em homens é maior, variando de 52% a 90,48% em algumas análises regionais (LOPES *et al.*, 2022). Essa prevalência é frequentemente associada à maior exposição ocupacional dos homens, como em atividades rurais, de caça, pesca e garimpo, que os colocam em contato mais direto com o vetor em áreas endêmicas (DIAS *et al.*, 2023). A predominância de raça/cor parda também se alinha com o perfil nacional e em outros estados, onde a população parda é a mais afetada, embora a incidência da doença não tenha predileção por raça, mas seja proporcional à etnia mais prevalente na região (LOPES *et al.*, 2022). A alta porcentagem de dados ignorados em algumas variáveis, como em raça/cor, reflete uma limitação comum em estudos baseados em dados secundários, como já destacado pela literatura (SANTOS *et al.*, 2021).

A concentração de casos nas faixas etárias de 40 a 59 anos e 20 a 39 anos, que somadas representam a maioria das notificações, reforça o caráter ocupacional da doença; a correlação com a baixa escolaridade também é um fator relevante (GONÇALVES, CARDOSO E OLIVEIRA, 2023; LOPES *et al.*, 2022). A concentração de casos em indivíduos com ensino fundamental incompleto é um padrão já observado na literatura, o que pode ser um indicativo de maior

vulnerabilidade e de dificuldades em compreender orientações de prevenção e tratamento (ARAÚJO *et al.*, 2020). O grande volume de dados "Ignorado / em branco" na variável escolaridade é uma limitação importante que, apesar de prejudicar a análise, não invalida a tendência observada, a qual sugere que a LTA afeta grupos socialmente vulneráveis, com acesso precário a saneamento e infraestrutura, corroborando com outros estudos (LOPES *et al.*, 2022).

Apesar das limitações de dados secundários e das possíveis subnotificações, os resultados reforçam a necessidade de fortalecer a Vigilância Epidemiológica e o monitoramento contínuo em todo o Estado, priorizando o diagnóstico precoce, as medidas preventivas no controle do vetor no ambiente, direcionamento dos pacientes ao tratamento mais adequado e políticas públicas integrando Saúde e Educação para capacitar profissionais e conscientizar a população.

#### 4. CONCLUSÕES

No contexto observado, o perfil epidemiológico da LTA no Estado de Minas Gerais está consistentemente associado a fatores socioeconômicos desfavoráveis e a baixos níveis de escolaridade, reafirmando a necessidade de políticas públicas abrangentes e descentralizadas. Tais políticas devem focar na vigilância e no controle da doença, mas, fundamentalmente, na melhoria das condições de vida das populações mais vulneráveis e na qualificação dos dados epidemiológicos para intervenções mais eficazes.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, D. B. S. *et al.* Perfil sociodemográfico da leishmaniose tegumentar americana em Almenara – Minas Gerais. **PUBVET**, v. 13, n. 3, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v14n3a525.1-6>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de vigilância da leishmaniose tegumentar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_vigilancia\\_leishmaniose\\_tegumentar.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_leishmaniose_tegumentar.pdf).

DE VRIES, H. J. *et al.* Cutaneous leishmaniasis: recent developments in diagnosis and management. **Am J Clin Dermatol.**, v. 16, n. 2, p. 99-109, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40257-015-0114-z>.

LOPES, G. H. N. L. *et al.* Epidemiologia da leishmaniose tegumentar americana no estado de Minas Gerais. **Revista de Patologia do Tocantins**, v. 9, n. 3, p. 910, 2022.

MAGALHÃES, S. C. M.; MOURA, K. V. R. A expansão da leishmaniose tegumentar americana no município de Montes Claros - Minas Gerais. **Hygeia**, v. 11, n. 21, p. 80-92, 2015.

SANTOS, G. R. A. C. *et al.* Perfil epidemiológico dos casos de leishmaniose tegumentar americana no Brasil. **Enferm Foco**, v. 12, n. 5, p. 1047-1053, 2021.